

Versão final disponível em:

<https://loja.editoraunicamp.com.br/sociologia/linha-vermelha--a-guerra-da-ucrania-e-as-relacoes-internacionais-no-seculo-xxi-648/p>

Similaridades e diferenças entre as guerras russas do Pós-Guerra Fria

Érico Duarte*

Introdução

A análise de uma guerra recente ou em andamento impõe desafios metodológicos para o avanço de uma contribuição suficientemente embasada e útil para o debate público. Levando-se isso conta, pode-se apreciar a viabilidade e consistência de quatro tipos de abordagens.

O primeiro e mais comum tipo de abordagem utilizada nas análises apresentadas durante uma guerra, principalmente nas mídias, é indutiva e a partir da coleta e acúmulo constante, mas irregular, de informações e dados divulgados pelos centros de notícias, governos e *think tanks*. Essas análises são, em geral, excessivamente generalistas, quando não são levadas ao erro pelas várias armadilhas desse tipo de abordagem, como: informações incompletas, divergentes e inverossímeis, quando não são simplesmente peças de propaganda de tempos de guerra; fontes inacessíveis para checagem; e a falta de objetividade e distanciamento dos eventos pelos analistas e suas fontes. Esse tipo de análise geralmente se limita a abordar a deflagração, embates localizados e tendência de vitória ou derrota da guerra, sendo que, muitas vezes, se precipitam a uma avaliação de sucesso ou fracasso, competência ou incompetência, racionalidade ou irracionalidade de um lado ou de outro. De um ponto de vista de uma contribuição para os debates públicos, esse tipo de abordagem não é capaz de produzir conhecimento acumulado porque suas análises precisam ser continuamente revistas ou se contradizer a cada decisão política, nova batalha, ou estágio da guerra, tornando os debates públicos confusos e sem foco.

Em segundo lugar, as análises baseadas em abordagens dedutivas geralmente tomam um caso de grande sucesso do passado ou um certo entendimento de conduta bem sucedida de uma operação militar como referência ou regra de avaliação da guerra em andamento. A partir da

* Professor do PPG em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Contato: erico.duarte@ufrgs.br

congruência entre os dois, ilustram-se pontos de vistas e aspectos positivos e negativos. No contexto do pós-Guerra Fria, a Guerra do Golfo de 1990-1991 é o caso ideal que todas as demais guerras deflagradas são – explícita ou implicitamente – contrastadas por analistas ocidentais, principalmente. O problema metodológico desse tipo de abordagem é que ele tem que ser tomado com grande parcimônia, uma vez que o tipo ideal invariavelmente desenvolveu-se em um contexto distante das realidades das guerras que a sucederam. Além disso, é recorrente a falácia de analistas que lançam mão de dogmatismo ao propor que uma determinada interpretação das operações conduzidas e forças combatentes empregadas sirva de ciência da vitória ou receita infalível para guerras contemporâneas e futuras. Ou seja, esse tipo de abordagem tende a ser desamparada de um arcabouço conceitual consistente, quando não são assentadas em bases falaciosas, falsificadas e pseudocientíficas, tendo como exemplos atuais: guerras híbridas, guerras de quarta geração e outros tipos de revoluções tecnológicas da guerra são propostas de explicação de algumas guerras recentes e, principalmente, futuras que, em geral, possuem forte conteúdo normativo e são desvinculadas de hipóteses, testes e diálogo com outras teorias e estudos históricos sobre a guerra (Strachan 2014, 17–18; É. Duarte 2012). Por conta disso, do ponto de vista de subsidiar o debate público, as análises desse tipo de abordagem podem estar associadas a agendas políticas, corporativistas e expedientes, quando não perdem de foco mudanças fundamentais de aspectos políticos e estratégicos de um contexto histórico em relação aos casos mais atuais, levando a vieses de entendimento e mesmo decisões e ações governamentais, cujos resultados podem ser perversos.

A terceira opção de abordagem é pelo uso de teorias da guerra suficientemente testadas e reconhecidas pela sua utilidade para compreensão e debate sobre outras guerras além daquela em andamento e sob consideração. Apesar de ser um encaminhamento mais consistente e potencialmente mais útil em acúmulo de conhecimento e apoio a debates públicos e decisões políticas, ela enfrenta dois desafios. Por um lado, não são muitas teorias que tenham resistido aos testes dos acadêmicos e ao da história: embora existam diversas teorias para análises de domínios ou aspectos mais delimitados das guerras - como o marítimo e aéreo -, nos resta apenas uma teoria para uma análise integral de guerras, que é a Teoria da Guerra de Carl von Clausewitz. No entanto, embora vários aspectos dessa teoria sejam de mais acessível compreensão – por exemplo sua proposta conceitual sobre os dois tipos de guerras na realidade, limitadas e ilimitadas; sua operação para uma análise integral, denominada como *Kritik*, requer um investimento substantivo em tempo, densidade e expertise particulares e adicionais para sua

avaliação que vão além do que se pode esperar e aproveitar em um debate público (ver como exemplos, É. Duarte 2019; E. E. Duarte e Machado 2021).

Por conta disso, o quarto e último tipo de abordagem, em que este presente capítulo utiliza, é no uso da história da guerra como referência a fim de apontar similaridades e diferenças com uma guerra atual; no caso, a Guerra da Ucrânia. A história permite superar vários dos obstáculos metodológicos apontados acima e apresenta algumas vantagens adicionais, em particular em um momento tão precoce de análise. Primeiro, existe a possibilidade de se compulsar bases factuais mais consistentes, com o acesso à documentação oficial, entrevistas e checagem de informações de maneira mais sistemática. Segundo, ao se traçar continuidades ou identificar rupturas passadas de emprego e desempenho de uma força armada – a russa, por exemplo –, tem-se uma melhor referência para se descartar informações ou apontamentos excessivamente destoantes sobre a mesma força empregada na guerra corrente. Ou seja, a referência histórica oferece uma lâmina de ceticismo contra interpretações demasiadamente enviesadas. Terceiro, os melhores estudos com testes de teorias e hipóteses sobre guerras inescapavelmente operaram sobre casos históricos, o que torna esse tipo de estudo mais rico pelo acúmulo de argumentos e dados.

Ademais, o uso da história tem duas vantagens adicionais em termos metodológicos. Por um lado, o maior desafio no estudo de uma guerra é o de ser capaz de entrar na cabeça dos líderes políticos e comandantes militares e ser capaz de ver o mundo e as possibilidades de decisão e ação pelos seus olhos. A referência histórica dos atores de uma guerra atual permite estabelecer regularidades de comportamento e *insights* sobre as visões de mundo dos beligerantes e mitigar o erro de projetar sobre esses atores nossa própria visão de mundo ou aquelas produzidas pelas fontes. Por outro lado, pode-se manter vivo o entendimento de que nenhuma guerra é um ato isolado, definitivo e incomensurável, mas, que pelo contrário, todas suas expressões têm consequências políticas de curto e longo prazo, desejáveis e indesejáveis. Ou seja, as eventuais implicações da atual guerra não residem apenas nela, mas em outros eventos passados e correntes, a ela diretamente relacionados ou não (É. Duarte 2020, 92–100).

Por conseguinte, entende-se que este último tipo de abordagem seja aplicado na análise da atual guerra em comparação com aquelas outras travadas pela Rússia desde o fim da Guerra Fria, em especial durante a era Putin, ou seja as duas guerras da Chechênia (1994-1996 e 1999-2000), a da Geórgia (2008) e a da anexação da Criméia (2014), além dos estágios anteriores da atual guerra na Ucrânia, concentrada inicialmente na região do Donbass, desde 2014.

Para efeito de comparação entre essas guerras passadas e a Guerra da Ucrânia em andamento, se utiliza como arcabouço conceitual as categorias analíticas derivadas da Teoria da Guerra de Carl von Clausewitz, a partir das quais se pode apontar similaridades e diferenças em níveis de análise e pontos de vistas correspondentes. Essas categorias de análise são:

- Política: as considerações sobre a utilidade de uma determinada guerra e suas consequências em conversão de recursos e implicações internacionais;
- Estratégia: as considerações e decisões relativas ao emprego das forças combatentes no teatro de operações em vários enfrentamentos para a produção dos propósitos específicos de uma campanha ou guerra;
- Tática: as considerações e decisões relativas ao emprego das forças combatentes no campo de batalha para os propósitos do enfrentamento (É. Duarte 2020, 22).

Comparações Políticas

Para início de análise, tem-se como referência os objetivos políticos russos divulgados para a atual guerra na Ucrânia a comunicação do Ministério da Defesa russo de 25 de março de 2022:

Estas ações são realizadas com o objetivo de causar tais danos à infraestrutura militar, equipamentos, pessoal das Forças Armadas da Ucrânia, cujos resultados não só permitem algemar suas forças e não lhes dão a oportunidade de fortalecer seu agrupamento no Donbass, mas também não permitirão que o façam até que o exército russo liberte completamente os territórios do [Donetsk] e do [Luhansk] (Rudskoy 2022, 2).

Assumindo esses objetivos políticos como razoáveis e correspondentes ao contexto político mais recente da guerra, leva-se em conta as distinções de cunho histórico, geográfico e de correlações de força em relação às guerras que a Rússia travou desde os anos 1990.

Figura 1. Mapa do Cáucaso



Fonte: Rainer Lesniewski, iStock: <https://www.istockphoto.com>.

No caso das guerras da Chechênia, existiu mais distinções que similaridades políticas. Por um lado, em comum, essas guerras tiveram como base uma visão tutelar da Rússia sobre a integridade de seus territórios, especialmente aqueles providos de riquezas naturais. Assim, como no caso da Ucrânia, a Chechênia e seu entorno são áreas ricas em recursos naturais e energéticos. Isso talvez embase outra similaridade política quanto justificativa ou denominação discursiva russa para a intervenção, pois essa foi inicialmente tratada como uma operação especial contra terroristas (Williams 2015, 155). Ou seja, tanto na Chechênia quanto na Ucrânia, o governo russo utilizou como justificativa da guerra, para o seu público doméstico, o imperativo de ação contra grupos sub ou não estatais que pervertiam o governo local e punham em risco a sociedade e Estado russos.

De maneira menos similar, o longo período de enfrentamentos levou ao reforço de uma identidade nacional chechena. Entretanto, essa identidade é mais antiga e distinta do que a ucraniana em relação à russa. Por um lado, os traços culturais chechenos são anteriores ao século XIX, quando se constituem as bases da identidade ucraniana. Por outro lado, os contatos dos russos com chechenos sempre foram marcados por um senso de inferioridade e estranheza destes últimos, calcados nas fundações culturais e religiosas do Cáucaso, o que se acentuou após a expansão do Império Russo para essa região (Williams 2015, 85). Ressalta-se que a conotação religiosa da guerra é outra diferença entre esses conflitos, principalmente porque ela se deu pelo contingente de combatentes islâmicos do Grande Oriente Médio que engajaram na guerra e lideraram diversas operações militares e terroristas na Chechênia, Daguestão e Moscou. Outra particularidade entre as guerras da Chechênia e Ucrânia é a inexistência nas primeiras de atores estatais externos com interesses e envolvimentos diretos.

A maior diferença entre essas guerras de um ponto de vista político, até o momento, é que forças chechenas (ou estrangeiras sob sua bandeira) atacaram alvos no território russo e mesmo iniciaram uma intervenção libertadora após a Primeira Guerra da Chechênia no Daguestão, tornando-se a *casus belli* da Segunda Guerra da Chechênia e de uma mobilização maior e uma reação mais aguerrida por parte de Moscou (Evangelista 2002, 4).

As similaridades políticas entre as guerras da Geórgia e da Ucrânia são muito maiores. Vários analistas assinalam que elas são parte de uma mesma grande estratégia russa de reverter territórios perdidos desde a queda da União Soviética e sob mira do movimento de expansão de zona de influência da OTAN e dos Estados Unidos. A deflagração de ambas seguiu em etapas parecidas. A guerra na Geórgia, assim como na Ucrânia, foi antecipada por movimentos de grupos separatistas pró- Rússia em Abkhazia e Ossétia do Sul, pela escalada do apoio russo e a busca pela Geórgia do suporte do Ocidente para balancear as investidas russas. Em 2 de agosto de 2008, a Rússia anunciou que enviaria forças de paz para aquelas duas áreas para proteção de cidadãos russos, enquanto o governo local, apoiado pelos Estados Unidos, manifestou que desejava uma força de paz ocidental organizada sob responsabilidade da Organização para Segurança e Cooperação da Europa (OSCE). Organização essa criada em 1975 com o objetivo de promoção da democracia, direitos humanos e liberdade de imprensa na Europa e que passou a ter um papel destacado no apoio e monitoramento das transições democráticas dos países do leste da Europa após o fim da Guerra Fria. De maneira similar com um estágio mais tardio da guerra na Ucrânia, quando Moscou passou a concentrar esforços na conquista das regiões de Luhansk e Donetsk, a Rússia invadiu a Geórgia com objetivos limitados de maneira a reafirmar

Abkhazia e Ossétia do Sul como protetorados informais russos. Um traço similar final entre as duas guerras seria que o controle dessas regiões seriam objetivos prioritários, sendo que alterações de regime político da Geórgia e da Ucrânia e destruição de suas respectivas forças armadas seriam objetivos intermediários para tal (Galeotti 2017, 25).

Como resultado político, a Rússia reconheceu a independência das duas regiões, enfraqueceu o governo de Mikheil Saakashvili e bloqueou a expansão da OTAN para o Cáucaso (Cohen e Hamilton 2011, vii). De maneira similar ao que se pode esperar da atual guerra, as consequências econômicas do conflito na Geórgia foram substantivas, pois a Rússia passou a ter controle indireto e fácil acesso militar, se necessário, sobre as áreas por onde passam todos os gasodutos da região do Cáucaso, com destaque para o gasoduto existente entre Azerbaijão, Geórgia e Turquia e outro apenas entre Azerbaijão e Turquia (Cohen e Hamilton 2011, 2).

O caso da Geórgia tem outras conexões políticas com a atual guerra na Ucrânia que podem ser ilustrativas, pois a ação armada russa respondia à nova administração de Mikheil Saakashvili que explicitamente contestava os interesses de Moscou, na expectativa de que os países ocidentais, em especial os Estados Unidos, viessem em socorro de Tbilissi (Driscoll e Maliniak 2016; Mearsheimer 2014, 3; Illarionov 2009, 49). Quando isso não ocorreu e as forças armadas e governo da Geórgia desmoronaram, ela se tornou um caso de aprisionamento (*entrapment*), ou seja, de um estado menor que tenta sobressair ou manipular os efeitos do jogo das grandes potências, mas que acaba sendo o principal lado perdedor (Lanoszka 2018, 5). Essa dinâmica parece ter sido reproduzida em um certo grau na Ucrânia desde a ascensão de Volodymyr Zelenski. No entanto, existiram importantes diferenças no caso georgiano: a reação norte-americana foi quase inexistente; não houve contestação pública das ações russas, organização de uma resposta ocidental através de sanções em vários níveis, apoio e respaldo diplomático, ou transferência de recursos financeiros e materiais ao país (Blank 2009, 118). Uma diferença final foi que na guerra da Geórgia houve um esforço substancial de Estados Unidos, Alemanha, União Europeia e da OSCE para a apresentação de propostas de resolução negociada antes de sua deflagração.

Ainda assim, o abandono da Geórgia à própria sorte abalou a credibilidade dos Estados Unidos (Asmus 2010, vii), o que parece ter se tornado algo a não se repetir em situações futuras. Por isso, é difícil defender que a Europa e Estados Unidos tenham sido surpreendidos pela atual guerra da Ucrânia e que as respostas em apoio material à Ucrânia e diplomáticas contra a Rússia tenham sido plenamente fruto de circunstâncias espontâneas e alguma improvisação. Isso é afirmado levando-se em consideração a escalada contínua e constante das relações da Rússia

com o Ocidente desde a guerra da Geórgia e tendo como próximos estágios, em seguida a esta, a anexação da Crimeia e a deflagração na região de Donbass em 2014 (Felgenhauer 2009, 162)

As decisões russas de anexação da Crimeia e intervenção no leste da Ucrânia em 2014 se deram no contexto de perda abrupta de influência na Ucrânia em decorrência do levante popular contra Viktor Yanukovich, denominado no país como *Euromaidan*. Desde então, o governo russo tem feito menções a *Novorossiia* (Nova Rússia) - região integrante do império russo e que, grosso modo, corresponde ao atual centro-Sul da atual Ucrânia, incluindo todo o litoral do país - e que, conforme Moscou, não poderia ser anexada por outro país de alguma forma. Os objetivos políticos russos desde 2014 parecem não ter se alterado, havendo mudanças de métodos e riscos assumidos principalmente desde a ascensão de Zelesnki e sua aproximação com os Estados Unidos e OTAN. Segundo Freedman (2019, 24, 85), os objetivos russos seriam:

- Anexar a Crimeia;
- Causar a fragmentação da Ucrânia para que a Ucrânia oriental, juntamente com a Crimeia, se separasse da porção ocidental para formar um país independente ou se juntar à Rússia;
- Causar caos suficiente na Ucrânia e seu governo central para que o governo não pudesse funcionar e fosse incapaz de tomar quaisquer iniciativas importantes em reação.

No entanto, não teria havido uma hierarquia entre esses objetivos ou avaliação de suas viabilidades de consecução em termos de meios. Ainda assim, até 2022, a Rússia não tinha como meta a anexação da região do Donbass, mas seu controle político através da paralisia ou reorientação do governo ucraniano através de coerção acentuada em correspondência a cada movimento de maior aproximação com o Ocidente (Galeotti 2019, 14).

Desde 2014, existiram dois fatores de continuidade com a guerra em 2022 e uma importante ruptura. Primeiro, já na anexação da Crimeia, se observou uma operação russa de propaganda de guerra de convencimento da população russa que o governo ucraniano teria sido resultado de um golpe ilegítimo (Kofman et al. 2017, xii). Segundo, foi desde esse período que Finlândia e Suécia começaram a questionar suas respectivas neutralidades políticas e manifestaram interesse em entrar para a OTAN (Freedman 2019, 1–2). A grande ruptura foi por parte dos Estados Unidos que, até 2014, ainda assinalavam nas suas comunicações oficiais a Rússia como um parceiro em potencial e não uma ameaça (Ambrosio 2017). Se a guerra na Geórgia e anexação da Crimeia não alteraram essa posição, a intervenção russa no leste da Ucrânia, seguido ainda do envolvimento na Síria em 2015, levou a uma mudança profunda da postura

dos Estados Unidos e da OTAN com relação à Rússia. Desde esse momento em diante, parece ter se tornado fora de questão para o Ocidente qualquer caminho de acomodação com os interesses russos, restando a alternativa de rivalidade e conflito (Gardner 2016, 2), embora poucos imaginavam que haveria uma escalada tão veloz em direção a guerra iniciada em fevereiro de 2022.

Comparações Estratégicas

Segundo declaração oficial, as metas bélicas das operações militares da Rússia na guerra de 2022 na Ucrânia são:

A desmilitarização da Ucrânia é conseguida tanto por ataques de alta precisão contra os militares como por ataques de instalações de infraestrutura, locais de formações e unidades militares, aeródromos, pontos de controle, arsenais e armazéns de armas e equipamentos militares, e pelas ações das tropas para derrotar agrupamentos inimigos opostos. O verdadeiro propósito de tais suprimentos não é apoiar a Ucrânia, mas arrastá-la para um longo conflito “até o último ucraniano” (Rudskoy 2022, 2-3).

A atual invasão russa da Ucrânia também vem sendo caracterizada como seletiva na condução de operações em áreas urbanas, preferindo perpassá-las e sitiá-las do que travar combates bairro por bairro. Apesar das exceções das batalhas em Mariupol e, parcialmente, em Kiev, a maioria dos enfrentamentos vem ocorrendo nas áreas rurais, estradas e proximidades dos centros urbanos.

Bem possivelmente, as guerras na Chechênia contribuíram muito para essa orientação estratégica russa. A Rússia iniciou suas operações em 1996 com uma força de 110 mil soldados, sendo 80 mil militares e 30 mil forças de segurança do Ministério do Interior (Williams 2015, 154), além de muito maior superioridade em poder de fogo e mobilidade. As forças chechenas compensaram sua inferioridade escolhendo bem o terreno de embate nas vizinhanças de áreas urbanas das principais cidades e vilarejos, de maneira a afunilar as progressões russas em emboscadas nas ruas estreitas e ainda com pequenas unidades contra suas linhas de comunicação fora desses centros. Os russos tiveram grande margem de manobra para se locomoverem pela região rural e tomarem infraestruturas, campos e instalações de produção de petróleo sem resistência. Isso os convenceu que a resistência chechena também seria inexistente nas principais cidades e vilarejos, o que os levou a ter um atitude arrogante, por isso mal informada, planejada e ordenada ao movimentarem suas colunas terrestres para essas áreas

(Billingsley 2013, 45, 86). De fato, a experiência russa recentemente anterior no Afeganistão tinha sido principalmente em áreas rurais e montanhosas e não existiam muitos oficiais e combatentes russos vivos com experiência em operações urbanas. Além disso, os russos realmente subestimaram a engenhosidade e resistência das forças chechenas, que estavam muito bem preparadas ao fortificarem as principais cidades com trincheiras, tuneis e casamatas (Oliker 2001, ix-x; Thomas 2005, 751).

Comparado as escalas das operações militares nas guerras da Chechênia e da Ucrânia em 2022, é difícil sustentar o apontamento que embase que os russos tenham sido pegos desprevenidos pelo hostil ambiente operacional urbano ucraniano. Para tal, teríamos que supor uma grave deficiência em se aprender lições pelas forças russas, desde que os sucessos chechenos que levaram a sua vitória na primeira guerra da Chechênia foram amplamente estudados, particularmente entre os países da Europa. A própria abordagem russa a Grozny na segunda guerra da Chechena, em 1999, mostrou-se bastante diferente daquela de anos anteriores. Já se demonstrava o método de aproximação pautado por barragens de artilharia, abrindo brechas nas linhas de resistência ao avanço de infantaria mecanizada e blindados. No caso checheno, devido à falta de mobilidade e artilharia para fazer frente aos russos, havia apenas duas alternativas para as forças defendendo Grozny: retirar-se para a região montanhosa ao sul durante o inverno ou reter posições e lutar. Esse dilema levou à ruptura da liderança chechena e a uma decisão demorada que daria tempo para que os russos minassem as saídas sul da cidade. Assim, as forças chechenas foram destroçadas e perseguidas quando tentaram fugir (Galeotti 2017, 18; Williams 2015, 165).

Enquanto na Chechênia as forças locais eram compostas apenas por indivíduos que tinham servido no exército soviético/russo mas não contavam com formações combatentes convencionais, a Geórgia dispunha de um exército relativamente bem organizado, equipado e treinado, inclusive com experiência de operações conjuntas com forças norte-americanas e ocidentais no Kosovo e Iraque (Cohen e Hamilton 2011, 28). Ademais, Tiblíssi contava com a vantagem estratégica de existir apenas um acesso rodoviário principal ao país por via do túnel Roki, que lhe daria a oportunidade de obstruir e retardar a progressão russa (Cohen e Hamilton 2011, 8-9). No entanto, aparentemente, esperava-se que a escalada com os russos seria mais gradual, principalmente com a possibilidade de algum tipo de interposição ou envolvimento ocidental. De fato, as lideranças da Geórgia foram reativas e enviesadas por cenários mais otimistas, além de terem ficado desprovidos de relatórios de inteligência mais apurados sobre a concentração de milhares de soldados russos em exercício na fronteira norte do país - isso

sem contar o desconhecimento sobre a mobilização de forças separatistas da Ossétia do Sul em julho de 2008 (Felgenhauer 2009, 163). Consequentemente, as forças da Geórgia estabeleceram seu esforço principal contra as forças separatistas. No entanto, assim como na Ucrânia, essas tiveram apenas um papel auxiliar de vanguarda, ao localizar e engajar as forças georgianas para concentração das colunas de combate russas (Felgenhauer 2009, 162). Por exemplo, contingentes separatistas abkhazianas tomaram posições ao longo do vale do rio Kodori, a partir do qual as forças russas puderam avançar sobre a porção ocidental do país e tomar as cidades de Zugdidi e Senaki praticamente sem resistência (Felgenhauer 2009, 173; Galeotti 2017, 24–25). Os russos também fizeram uso auxiliar de unidades chechenas que, além de rápido acesso à Geórgia, tiveram um efeito psicológico redobrado diante seu envolvimento na guerra civil local nos anos 1990, em que várias atrocidades foram cometidas por todos os lados (Cohen e Hamilton 2011, 10; Felgenhauer 2009, 167). De fato, a Geórgia não tinha um plano de guerra e esteve paralisada diante as ações russas. Este, de fato, não é o caso ucraniano que vem, desde 2014, contrapondo as forças separatistas com milícias próprias e teve uma expansão significativa de suas forças convencionais nos últimos anos, com intenso treinamento e reformas com apoio de forças ocidentais (Fasola e Wood 2021; IISS 2022, 40, 71).

De outro lado, as forças russas estavam preparadas e seguiram um plano de ação multidomínio, que considerava a possibilidade de escalada com os Estados Unidos e OTAN (Felgenhauer 2009, 162). Uma primeira fase da guerra foi pautada pelo uso meios cibernéticos para ruptura dos sistemas de comando e controle e rede elétrica. Assim como na Ucrânia, foi mobilizada a esquadra do Mar Negro. Além do emprego de navios de linha para destruição de instalações e forças navais da Geórgia, navios de desembarque foram utilizados para transporte de material e soldados (Cohen e Halminton 2011, 11-12). Por fim, forças aeroterrestres foram lançadas da fronteira sul da Rússia sobre a capital para controle de instalações e acessos-chave a serem enlaçadas por colunas terrestres (Galeotti 2017, 24-25). Por fim, um outro fator muito diferente da atual guerra era que nenhum dos dois lados tinham a disponibilidade de drones em 2008 (Felgenhauer 2009, 168).

Portanto, apesar de vários problemas e erros operacionais do lado russo, os erros do lado georgiano e sua inferioridade de meios, além de isolamento geográfico e estratégico, levaram a uma derrota relativamente rápida. Já em 10 de agosto, as forças da Geórgia abandonaram a Ossétia do Sul e, no dia seguinte, quaisquer outras posições para defesa da capital (Felgenhauer 2009, 174), permitindo que as forças russas posicionassem seu muito maior poder de fogo entorno de Tbilisi e, mesmo se contar com a precisão que se encontra em 2022, era suficiente

para levar a capitulação do governo da Geórgia (Cohen e Hamilton 2011, 21). Como resultado, a Rússia foi capaz de tornar a Geórgia um Estado disfuncional, desprovido de exército e polícia efetivos em garantir a autonomia do país, e tomado por rivais políticos servidos de milícias próprias e feudos violentos, inviabilizando o país como candidato à OTAN (pela existência de um conflito separatista em andamento, mesmo que, na prática, ele esteja congelado) e relegando ao controle de Moscou importantes redes de transporte e de produção de petróleo e gás que conectam a região do Mar Cáspio ao Mar Negro e Mediterrâneo (Felgenhauer 2009, 177).

Já as operações militares russas na Crimeia e Donbass foram bastante distintas das demais e mesmo em relação à atual guerra de 2022. No primeiro caso, as operações foram conduzidas por forças especiais e de elite que tiveram como foco principal de atuação não as posições e instalações militares ucranianas, mas as emissoras de rede de TV e os prédios de administração central. Nesse caso, privilegiou-se mobilidade sobre concentração de unidades e poder de fogo, sendo que, de fato, as forças russas empregadas eram inferiores em números (Kofman et al. 2017, 23; Freedman 2019, 1). Ao contrário, no Donbass, inicialmente, os russos lançaram primeiro uma campanha de operação psicológica para desmoralização dos governos locais e promoção de uma proposta de autonomização da administração pública dessa região de maneira a reduzir a influência de Kiev a favor de Moscou (Kofman et al. 2017, xii). Os resultados alcançados por essa campanha foram desanimadores e levaram Moscou a reconhecer a falta de um apoio majoritário da população local e a buscar métodos coercitivos, tornando evidente que o aspecto geralmente apontado como o principal erro estratégico no atual estágio da guerra da Ucrânia de 2022 - falta de apoio da população local - na verdade já tinha sido identificado na crise de 2014 (Freedman 2019, 83). Portanto, seria a replicação grosseira de tal erro se a atual campanha militar russa na Ucrânia não tivesse levado em conta a opinião pública local no desenho e condução das operações militares, principalmente no que se observa de sua seletividade de alvos e método de tomadas da maioria das cidades e áreas urbanas.

Existem outros três fatores estratégicos que permitem delinear duas similaridades adicionais e uma diferença entre as operações de 2014 e 2022. Em primeiro lugar, os insucessos da campanha psicológica seguida por operação de forças separatistas locais apoiadas por forças especiais e equipamentos russos levaram Putin a autorizar uma campanha convencional no Donbass, mesmo sem um reconhecimento oficial deste envolvimento. Essa campanha foi aberta com vitórias importantes, com casos de destruição de unidades ucranianas, mas que não levaram à rendição ou concessões. Os russos tiveram dificuldades em sustentarem suas operações e importantes derrotas em áreas urbanas na porção mais ocidental do Donbass.

Consequentemente, a Rússia já naquele momento encaminhou uma guerra de atrito em que o lado com mais resiliência e reservas tinha mais condições de se manter, forçando o outro a desistir (Freedman 2019, 165). O segundo ponto de similaridade é que tanto em 2014 quanto agora ficou patente a capacidade russa de alta mobilidade em operações próximas às suas fronteiras e maior dificuldade de ação no interior da Ucrânia e contra forças com igual ou maior mobilidade.

Por fim, a grande diferença entre as operações de 2014 e 2022 reside na capacidade russa de estabelecer comunicações seguras, logo controle operacional, até as menores unidades, bem como negar comunicações seguras e coordenação operacional às forças ucranianas. Em 2014, os russos operaram com um contingente terrestre menor, mais leve e centrado em batalhões e companhias e atuaram em uma área de operações relativamente delimitada em, no máximo, dois eixos de avanço (Kofman et al. 2017, 25). Em 2022, as forças russas foram consideravelmente maiores, havendo a atuação de batalhões e formações combinadas equivalentes a brigadas e divisões; operaram em grande parte do país, em vários momentos em quatro eixos de avanço; e contra um oponente muito mais bem servido de inteligência e reconhecimento próprio e provido por Estados Unidos, Reino Unido e outros países que atuam como aliados. Ou seja, os russos não apresentaram o mesmo padrão de desempenho de 2014 porque houve muito melhor preparo para a atual guerra por ambos os lados, sendo que as vantagens da defesa são mais visíveis pelo fato de que a atual guerra compreende muito mais forças combatentes operando em quase todo o país. Apesar disso, as baixas e danos provocados pelos russos não eximem os ucranianos de seguirem o destino da Geórgia.

Comparações Táticas

As correlações de forças entre, por um lado, russos e, por outro, chechenos, georgianos e ucranianos enunciam as diferenças no emprego da força em batalhas. A grande assimetria de meios existente nas duas guerras da Chechenas levou ao padrão de insurgências e guerrilha. O histórico militar checheno é importante de ser relatado porque ele foi longo e amplamente difundido e estudado entre forças armadas e grupos políticos ocidentais e euroasiáticos, além do fato de que combatentes chechenos vêm sendo empregados nos dois lados da atual Guerra da Ucrânia. As forças chechenas adaptaram-se ao emprego de armamentos para combate à distância e alta mobilidade e seus armamentos preferidos eram lançadores de-foguetes (i.e. *rocket-propelled grenade launcher* ou *bazooka*) e lançadores de mísseis antiaéreos portáteis *Strela-3* e *Igla*. Herdados dos estoques da União Soviética e contrabandeados durante o desmonte do estado russo nos anos 1990, eles proliferaram pelo país e foram utilizados das

maneiras mais diversas, tanto em tiro tenso, respectivamente, contra alvos em terra e helicópteros em voo de baixa altura, como arma de saturação de área com lançamentos dos foguetes como morteiros, em altos ângulos, a partir de prédios baixos contra concentrações de forças terrestres russas em progressão (Williams 2015, 92; Kramer 2005, 231). A alta mobilidade das forças chechenas residia no seu reduzido tamanho, no fato de serem muito limitadas em volumes de equipamento e munições e terem preparado redes de posições de tiros entrincheiradas distribuídas pelas cidades e interconectadas por tuneis através de edifícios. Combinadamente ao emprego de RPGs, os chechenos fizeram uso extensivo de atiradores (*snipers*), minas e artefatos explosivos improvisados em emboscadas (Williams 2015, 160; Billingsley 2013, 45). No caso dos ucranianos, o armamento de preferência **em um primeiro estágio da guerra**, mas de emprego em versatilidade similar aos chechenos, tem sido os mísseis antitanque *Javelin* e *Milan*, além de lançadores de mísseis terra-ar *Stinger* - apesar disso, o uso de *snipers* e minas também têm sido amplo. Além disso, a maioria dos campos de batalha e emboscadas tem sido em terreno aberto e próximo de áreas urbanas, sendo que as milícias e forças convencionais ucranianas se prepararam para as batalhas nas cidades de Kiev e Kharkiv possivelmente de maneira bastante semelhante aos chechenos.

Figura 2. Soldado Usando um Lança-Foguete



Fonte: zim286; iStock: <https://www.istockphoto.com>.

A proficiência chechena para essa forma de combate baseada em emboscadas vinha do histórico militar de choques entre grupos políticos locais radicados em áreas montanhosas e do fato de que muitos desses insurgentes tinham servido no Exército Vermelho e mesmo no Afeganistão, tendo sido por isso capazes de combinar a doutrina soviética de guerra em áreas urbanas com práticas de *mujahidins* (combatentes afegãos) em um terreno parecido ao do Cáucaso (Oliker

2001, xiv). Os destacamentos de emboscada chechenos consistiam em um time de ataque, um time diversionário, um time de bloqueio, um time em reserva e um time de comunicações. Empregavam três tipos de emboscadas: emboscada de vanguarda ou encontro, paralela aos flancos e circular em envelopamento. Os dois primeiros tipos envolviam grupos de 10 a 20 combatentes e o terceiro poderia compreender até 100. O emprego de cada um deles dependia da correlação de forças, terreno, missão e oportunidade (Thomas 2005, 745). Na primeira guerra da Chechênia, o terceiro tipo de emboscada foi bastante comum, mas nos seus estágios finais e, principalmente, na segunda guerra da Chechênia, o tamanho e frequência das emboscadas diminuíram (Billingsley 2013, 74). Com a redução de efetivos diante a estratégia de atrito russa, os chechenos mudaram seu *modus operandi* para alvos com menor capacidade de resposta, ou seja, de formações de combate russas em progressão no terreno para comboios e instalações militares administrativas russas, helicópteros e aviações militares de transporte, prédios públicos sob administração de russos ou grupos políticos pró-Rússia, e soldados e funcionários públicos individualmente. Em estágios mais avançados da guerra, já durante os anos 2000, os rebeldes chechenos se focaram cada vez mais no uso de atentados suicidas à bomba e ataques armados contra civis em Moscou, sistemas de transporte e outros alvos civis (Kramer 2005, 216). Diante do impacto político negativo e reforço provocado do lado russo nesse caso, tem sido bem claro na atual guerra que as forças ucranianas têm evitado atacar alvos no território russo, mesmo nos estágios em que elas estavam mais pressionadas ou em maior desvantagem.

Outra importante distinção entre forças chechenas e ucranianas é que estas últimas são mais bem estruturadas e pesadas que as primeiras, pois possuem unidades convencionais mecanizadas servidas com mais artilharia, em especial de foguetes, mesmo em comparação com a maioria das forças ocidentais. A consequência disso é que os ucranianos não parecem ter duas deficiências chechenas graves. Por um lado, a incapacidade de conduzir enfrentamentos extensivos. As deficiências organizacionais e falta de carros blindados, artilharia, comunicação e logística não permitiam que os chechenos conduzissem batalhas de larga escala. Por outro lado, as características de uma força de insurgência e guerrilha com alto grau de autonomia entre diversos líderes e unidades que as compunha faziam com que os rebeldes não tivessem controle e coordenação sobre essas unidades e convergência de suas operações (Thomas 2005, 749-750). Por isso, as vantagens e sucessos de operações não eram convertidos em resultados estratégicos e políticos, mas, no longo prazo, em drenagem de recursos. Ainda assim, os ucranianos correm o risco de replicarem essa deficiência no caso de expansão de forças paramilitares e legiões estrangeiras.

Do lado russo, eles já empregavam unidades em tamanho equivalente a batalhão servidas principalmente de artilharia e serviço de apoio logístico orgânico e tinham como vanguarda elementos de reconhecimento com carros blindados leves. Os elementos de reconhecimento tinham o papel de estabelecer contato e testar as posições oponentes, enquanto as colunas de combate organizavam o emprego massivo de poder de fogo. No entanto, esses elementos de reconhecimento foram deficientes na verificação de nódulos de estrangulamento, pontes, bueiros e outros pontos nos quais os chechenos pudessem usar para emboscadas. A tarefa de reconhecimento era ainda debilitada pela falta de sua componente aérea. As condições de prontidão, manutenção e treinamento das alas aéreas russas nos anos 1990 eram precárias e inexistiam drones. Consequentemente, o provimento de inteligência tática era inadequado e demorado na produção de relatórios de situação, impactando nas colunas de batalha russas. Por fim, já se observava o padrão de progressão no terreno por colunas afuniladas em rodovias congestionadas com baixa mobilidade e alta exposição de flancos. Consequentemente, os russos eram inadequados para fazer frente às forças rebeldes chechenas quando em deslocamento, sobretudo em áreas urbanas (Billingsley 2013, 87, 91), além do fato de que essas características as tornavam deficientes na tarefa de selar cidades, facilitando o reforço e mobilidade das defesas chechenas. De fato, as forças russas não tinham a possibilidade de serem proficientes em guerra urbana pelas defasagens institucionais dos anos 1990 e por não terem atualizado sua doutrina para esse tipo de guerra desde a Segunda Guerra Mundial (Oliker 2001, xi–xiii).

É essa desvantagem tática russa que explica seu método de guerra urbano empregado nas guerras da Chechênia, muito parecido, aliás, com as táticas de guerra de sítio russas do século XIX ou mesmo mongóis do século XIII, a saber: o emprego massivo, impreciso e impiedoso de artilharia sobre as cidades, sem qualquer consideração sobre a população civil que teve baixas enormes, especialmente em Grozny (Williams 2015, 98, 156). Mesmo na segunda guerra da Chechênia - quando os russos aparentavam melhor moral, postura e equipamento -, a decisão de Moscou foi desdobrar quantidades avassaladoras de artilharia para emprego de barragens, que terraplanavam bairro por bairro das cidades chechenas para avanço gradual das forças russas (Galeotti 2017, 18; Hodgson 2003, 71). Esses desdobramentos foram antecipados ainda pelo uso de bombas termobáricas (ou de vácuo) e barragens aéreas punitivas para efeito psicológico (Williams 2015, 89, 140; Baev 1997). Na atual guerra da Ucrânia, com exceção de Mariupol, observa-se incomparável maior seleção e precisão dos fogos de artilharia de campanha e foguetes, mísseis e aéreos russos. Mesmo nas batalhas de Kiev e Kharkiv não houve

destruição de áreas residenciais e nem taxas de baixas civis semelhantes às aquelas observadas na Chechênia.

Na guerra da Geórgia, apesar das várias deficiências anteriormente apresentadas de direcionamento político, comando operacional e inteligência, alguns analistas apontam que os anos e recursos investidos pelos Ocidente tinham provido resultado e as forças locais tinham uma infantaria melhor que a do lado invasor. Mesmo com o uso de forças de elite aeroterrestres pela Rússia – que desdobrou mais de 11 mil delas para tomar e reter o túnel Roki, de acesso ao país (Illarionov 2009, 75) –, estas eram vulneráveis a emboscadas e contrataques georgianos. No entanto, o exército georgiano replicava a vulnerabilidade desenvolvida pelo Ocidente depois de 20 anos de guerra contra grupos insurgentes e terroristas: a defasagem em artilharia frente aos russos (Cohen e Hamilton 2011, 25).

Por isso, ainda que os russos replicassem o mesmo previsível padrão doutrinário das guerras contra os chechenos - unidades de vanguarda fixavam os georgianos, cujas posições se tornavam alvo de artilharia superior e ataques mecanizados e blindados pelos flancos (Galeotti 2017, 25) – as forças da Geórgia não tinham fogos indiretos com alcance, precisão e volume que lhes permitissem responder de maneira a minimizar baixas e oferecer cobertura a manobras de recuo ou de contrataque. No caso da guerra na Ucrânia, as forças locais contam com muito melhor proporção e qualidade de artilharia, seja pelo seu passado soviético, seja pela indústria local especializada em mísseis e foguetes, além do apoio do Ocidente com seus arsenais e drones. Entretanto, as capacidades de missilísticas e de artilharia russas, assim como as chinesas, expandiram muito mais que as do Ocidente nos últimos 20 anos, o que lhe conferem uma vantagem relativa sobre qualquer outro exército contemporâneo (White House 2017, 3–8; Colby 2021; Gordon IV et al. 2020). Outra vantagem russa demonstrada na Geórgia e na Ucrânia tem sido o uso de forças irregulares treinadas para estabelecer contato e informar as posições oponentes, e assim compensar as deficiências em números e qualidade de infantaria convencional com quantidades distribuídas pelas áreas de operação (Cohen e Hamilton 2011, 27). Ainda assim, na atual guerra, em comparação a todas as outras que a Rússia travou no pós-guerra Fria, esta é a que apresenta a mais elevada proporção de forças terrestres regulares empregadas em relação às forças irregulares e tropas de elites.

Entretanto, a força aérea russa não teve o mesmo desenvolvimento e se mostram deficientes em supressão de defesas antiaéreas, reconhecimento e localização de alvos e guerra eletrônica na Geórgia. Além disso, de maneira similar ao que se observou na Chechênia e se observa na Ucrânia, houve o uso bastante contido de munições guiadas de precisão. Por isso, ao passo que

fizeram maior uso de munições ‘burras’ desprovidas de nenhum tipo guiamento até o alvo, tem havido danos colaterais constantes a civis e maior exposição dos aviões russos a artilharia antiaérea de baixa altitude (Cohen e Hamilton 2011, 37, 39). Por conta disso, na Guerra da Geórgia, dezenove aviões russos foram abatidos por lançadores portáteis tipos *Stinger* (Felgenhauer 2009, 168).

As operações militares russas na Síria ocorreram depois daquelas na Europa e Cáucaso, e nessas os russos empregaram uma nova forma de sítio e ação contra áreas urbanas, para redução do número de baixas civis. Após o bloqueio das principais saídas, estabeleceu-se corredores humanitários que, após certo prazo, foram seguidos pelo emprego constante e sistemático de artilharia de tubo e foguetes para neutralização de áreas estratégicas e bolsões de forças oponentes (Freedman 2019, 183). Procedimentos esses que parecem ter sido replicados na cidade de Mariupol.

Considerações Finais

A Rússia tem travado guerras uma atrás da outra desde meados dos anos 1990, principalmente desde a ascensão de Vladimir Putin à posição de líder do país. Suas forças armadas têm passado por reformas organizacionais e doutrinárias contínuas, bem como recuperação das suas condições materiais e tecnológicas. Ainda assim, notam-se mais similaridades, apesar de alguma evolução, do que rupturas no modo russo de fazer guerra. De fato, a Guerra na Ucrânia é a maior em escala e em termos de potenciais consequências que a Rússia trava desde o fim da Guerra Fria.

No esforço de comparação dos casos deste período, existem maiores diferenças entre a atual guerra e as da Chechênia, principalmente em termos de devastação da população civil, enquanto existem maiores similaridades, senão continuidades com a Guerra da Geórgia. Entre todas elas, a operação de anexação da Crimeia parece ter sido aquela mais distinta em termos de desempenho operacional, mas foram as operações militares no Donbass entre 2014 e 2015 que, de fato, mudaram as relações com o Ocidente. As implicações estratégicas dessa mudança política acarretaram uma maior mobilização e emprego de forças convencionais russas na Ucrânia em 2022, com comedimento de emprego de suas tropas de elite e equipamento mais moderno, principalmente de força aérea. Por fim, a Rússia tem se valido de sua vantagem em capacidades de artilharias de tubo, foguetes e mísseis para reverter suas desvantagens em outras

áreas e avanços que as forças ucranianas se beneficiaram pelas reformas e recursos providos pelo Ocidente.

As principais preocupações que a história militar recente russa trazem são duas. Por um lado, o risco de a Ucrânia ser levada ao percurso da Chechênia e se tornar um espaço governado por milícias, senhores da guerra em decorrências de déficits institucionais e a fragmentação política e ascensão de forças paramilitares extremamente armadas e autônomas (Williams 2015, 125). Por outro lado, o risco de sofrer os mesmos desdobramentos da Geórgia em que o desmembramento das áreas separatistas, com chancela do governo local e dos países ocidentais, incorreu em danos na integridade do país como um todo. Um isolamento total ou de parcelas do território ucraniano significaria seu abandono à própria sorte (como ocorreu com a Geórgia) e ter que conviver sob uma condição de constantes ingerências russas (Asmus 2010, vii).

Referencias citadas.

- Ambrosio, Thomas. 2017. "Russia's Ukraine Intervention and Changes to American Perceptions of the Russian Threat: Executive Branch Testimony to the House and Senate Armed Services Committees, 2008–2016". *Journal of Global Security Studies* 2 (2): 104–22. <https://doi.org/10.1093/jogss/ogx004>.
- Asmus, Ronald. 2010. *A Little War That Shook the World: Georgia, Russia, and the Future of the West*. St. Martin's Press.
- Baev, Pavel K. 1997. "Russia's airpower in the Chechen War: Denial, punishment and defeat". *The Journal of Slavic Military Studies* 10 (2): 1–18. <https://doi.org/10.1080/13518049708430287>.
- Billingsley, Dodge. 2013. *Fangs of the Lone Wolf: Chechen Tactics in the Russian-Chechen War 1994-2009*. Solihull: Helion & Company.
- Blank, Stephen. 2009. "From Neglect to Duress: The West and the Georgian Crisis Before the 2008 War". Em *The Guns of August 2008: Russia's War in Georgia*, editado por Svante E. Cornell e S. Frederick Starr. Armonk: M.E. Sharpe.
- Cohen, Ariel, e Robert Hamilton. 2011. "The Russian Military and the Georgia War: Lessons and Implications". Colby. Carlisle: US Army War College. <https://press.armywarcollege.edu/monographs/576>.
- Colby, Elbridge A. 2021. *The Strategy of Denial: American Defense in an Age of Great Power Conflict*. New Haven; London: Yale University Press.
- Driscoll, Jesse, e Daniel Maliniak. 2016. "With Friends Like These: Brinkmanship and Chain-Ganging in Russia's Near Abroad". *Security Studies* 25 (4): 585–607. <https://doi.org/10.1080/09636412.2016.1220208>.
- Duarte, Érico. 2012. "A Conduta da Guerra na Era Digital e suas Implicações para o Brasil: uma Análise de Conceitos, Políticas e Práticas de Defesa". *Texto para Discussão (IPEA)* Junho. http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15290.
- . 2019. *A Guerra entre China e Estados Unidos na Coreia*. Curitiba: Appris.
- . 2020. *Estudos Estratégicos*. Curitiba: Intersaberes.

- Duarte, Erico Esteves, e Luis Rodrigo Machado. 2021. "Between Coercive Diplomacy and Malvinas Fortress: Argentina's Maritime Operations in the Falklands/Malvinas War". Em *The Falklands/Malvinas War in the South Atlantic*, editado por Erico Esteves Duarte, 51–84. Cham: Palgrave Macmillan.
- Evangelista, Matthew. 2002. *The Chechen Wars: Will Russia Go the Way of the Soviet Union?* Washington, D.C: Brookings Institution Press.
- Fasola, Nicolò, e Alyssa J. Wood. 2021. "Reforming Ukraine's Security Sector". *Survival* 63 (2): 41–54. <https://doi.org/10.1080/00396338.2021.1905990>.
- Felgenhauer, Pavel. 2009. "After August 7: The Escalation of the Russia-Georgia War". Em *The Guns of August 2008: Russia's War in Georgia*, editado por Svante E. Cornell e S. Frederick Starr. Armonk: M.E. Sharpe.
- Freedman, Lawrence. 2019. *Ukraine and the Art of Strategy*. New York, NY: Oxford University Press, USA.
- Galeotti, Mark. 2017. *The Modern Russian Army 1992-2016*. Oxford: Osprey Publishing.
- . 2019. *Armies of Russia's War in Ukraine*. Oxford New York, NY: Osprey Publishing.
- Gardner, Hall. 2016. "The Russian annexation of Crimea: regional and global ramifications". *European Politics and Society* 17 (4): 490–505. <https://doi.org/10.1080/23745118.2016.1154190>.
- Gordon IV, John, Igor Mikolic-Torreira, D. Sean Barnett, Katharina Ley Best, Scott Boston, Dan Madden, Danielle C. Tarraf, e Jordan Willcox. 2020. *Army Fires Capabilities for 2025 and Beyond*. Santa Monica, Calif: RAND Corporation.
- Hodgson, Quentin. 2003. "Is the Russian bear learning? an operational and tactical analysis of the second Chechen war, 1999–2002". *Journal of Strategic Studies* 26 (2): 64–91. <https://doi.org/10.1080/01402390412331302985>.
- IISS. 2022. *The Military Balance*. London: Routledge.
- Illarionov, Andrei. 2009. "The Russian Leadership's Preparation for War, 1999–2008". Em *The Guns of August 2008: Russia's War in Georgia*, editado por Svante E. Cornell e S. Frederick Starr. Armonk: ME Sharpe.
- Kofman, Michael, Katya Migacheva, Brian Nichiporuk, Andrew Radin, Olesya Tkacheva, e Jenny Oberholtzer. 2017. "Lessons from Russia's Operations in Crimea and Eastern Ukraine". RAND Corporation. https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1498.html.
- Kramer, Mark. 2005. "Guerrilla Warfare, Counterinsurgency and Terrorism in the North Caucasus: The Military Dimension of the Russian-Chechen Conflict". *Europe-Asia Studies* 57 (2): 209–90.
- Lanoszka, Alexander. 2018. "Tangled up in rose? Theories of alliance entrapment and the 2008 Russo-Georgian War". *Contemporary Security Policy* 39 (2): 234–57. <https://doi.org/10.1080/13523260.2017.1392102>.
- Mearsheimer, John J. 2014. "Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault", 2014. <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault>.
- Oliker, Olga. 2001. "Russia's Chechen Wars 1994-2000: Lessons from Urban Combat". RAND Corporation. https://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1289.html.
- Rudskoy, Sergei. 2022. "Speech of the Head of the Main Operational Directorate of the General Staff of the Armed Forces of the Russian Federation Colonel General Sergei Rudskoy : Ministry of Defence of the Russian Federation". Ministry of Defence of the Russian Federation. 2022. https://eng.mil.ru/en/special_operation/news/more.htm?id=12414735%40egNews.
- Strachan, Sir Hew. 2014. *The Direction of War: Contemporary Strategy in Historical Perspective*. Cambridge, New York: Cambridge University Press.

- Thomas, Timothy L. 2005. "Russian Tactical Lessons Learned Fighting Chechen Separatists". *The Journal of Slavic Military Studies* 18 (4): 731–66. <https://doi.org/10.1080/13518040500355015>.
- White House. 2017. *National Security Strategy of the United States of America*. Washington, D.C: White House. <http://nssarchive.us/national-security-strategy-2017/>.
- Williams, Brian. 2015. *Inferno in Chechnya: The Russian-Chechen Wars, the Al Qaeda Myth, and the Boston Marathon Bombings*. Lebanon, NH: Foreedge.